



Lei de Incentivo à
CULTURA

Patrocínio



**INSTITUTO
CULTURAL
VALE**

Produção



RKF

Realização

ALCANTARINO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA MINISTÉRIO DO
TURISMO



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

PRONAC N° 201734

CABOCLOS da AMAZÔNIA

ARQUITETURA • DESIGN • MÚSICA



STUDIO
CAJUMIRI



Lei de Incentivo à
CULTURA

Patrocínio



**INSTITUTO
CULTURAL
VALE**

Produção



RKF

Realização

ALCANTARINO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

PRONAC N° 201734

MINISTÉRIO DO TURISMO E INSTITUTO CULTURAL VALE APRESENTAM

CABOCLOS da AMAZÔNIA

ARQUITETURA • DESIGN • MÚSICA

CABOCLOS da AMAZÔNIA

ARQUITETURA - DESIGN - MÚSICA





O Instituto Cultural Vale atua em museus e centros culturais, na preservação e valorização de patrimônios e no fomento às múltiplas manifestações artísticas, guiado pela visão de que a cultura é instrumento de transformação social, capaz de gerar impacto positivo na vida das pessoas e construir um legado para futuras gerações.

A Vale atua há mais de três décadas na Amazônia pela sua preservação e pela salvaguarda de suas múltiplas manifestações artístico-culturais. Para nós, é especial estar ao lado de projetos como “Caboclos da Amazônia – Arquitetura, design e música” que, através de casas, objetos, móveis, imagens gráficas e um panorama musical regional, reverencia o rico universo do modo de viver da população nativa amazônica e suas múltiplas identidades.

ENTRADA

LOUNGE CABOCLLO





ABERTURA



Amazônia é internacionalmente conhecida por suas riquezas naturais. O que poucos conhecem são as riquezas construídas pelas mulheres e pelos homens que a habitam. Esta exposição desvenda o universo da arquitetura e do design elaborados na Amazônia, mostrando que as criações locais atendem com muita inteligência as funções a que se destinam e são totalmente adaptadas ao território em que se inserem. Ao contrário de agredir a natureza, convivem harmonicamente com ela.

Mas elas vão muito além. Não basta que as casas sejam erguidas sobre palafitas para enfrentar bem a subida das águas e descida das águas ou que os objetos utilizem com sabedoria as matérias-primas do território. Em tudo se vê um vocabulário formal incrível. Tudo é exuberante e superlativo. Não há monotonia. Em oposição a um mundo que fica cada vez mais homogêneo, igual e monótono, aqui se vê uma diversidade de cores e grafismos a expressar o desejo de beleza e a expressão individual de cada morador. As cercas que delimitam o privado do público são vazadas para propiciar a necessária ventilação em ambientes de alta umidade do ar, sendo portanto uma solução coletiva adaptada ao meio. Mas cada uma tem a sua identidade própria, em grafismos que parecem nunca se repetir. Os interiores das residências poderiam estar em revistas de arquitetura e decoração, se elas se abrissem para a expressão popular, tal a personalidade dos ambientes que combinam sem constrangimento diferentes estampas e materiais, dos plásticos à toalha de crochê, e sempre com muitas, muuuuuuittas cores.



O organizador desta surpreendente e valiosa exposição reúne condições ideais para a tarefa que empreendeu. Carlos Alcantarino nasceu no Pará e portanto enxerga desde “dentro” a realidade que aborda. Ao mesmo tempo, soma o olhar “de fora”, pois há 40 anos foi para o Rio de Janeiro, onde construiu uma carreira nacional e internacional solidamente reconhecida. Tem, portanto, repertório mais do que suficiente para navegar nessas águas. Alcantarino se cercou de outras pessoas que também nutrem um olhar experiente e amoroso em relação à região, a exemplo da designer Fernanda Martins, que fez a seleção dos leiteiros dos barcos, ampliando o acesso à sua pesquisa sobre os “abridores de letras”, como são conhecidos os pintores de barcos, e trazendo três deles para a frente da cena, garantindo seu protagonismo. Os objetos vernaculares como o carrinho de raspa-raspa e as garrafadas de ervas, as fotos mostrando a diversidade das embarcações artesanais e os objetos carregados de significado espiritual ofertados por ocasião do Círio, entre outros, compõem um conjunto muito estimulante, e tudo isso embalado pela música da região, igualmente diversa e vibrante.

Ao trazer à luz esses múltiplos inventários, esta exposição vai incentivar que esse rico patrimônio seja respeitado e valorizado por todos aqueles que querem um futuro melhor, em que o fazer humano não só não entre em choque com a natureza, mas também celebre com formas e cores a alegria de estarmos vivos.

Adélia Borges

PROSPERIDADE

DO ARAKI

OSM

LMNV

B
M GAIVOTA

DEUS QUE MIDEU

MMMEGMM
M.M.M.E.G.M.M

ALORR
A

COM TE CARL

PESCADOR

LETRAS

PROSPERIDADE
DO AKAKI

BOTO ROSA

L M N

PRINCEZA

**B
M** **GAIVO TA**

Mil e um rios unem e separam as Amazônias. Unem as centenas de povos pelas confluências culturais, ao longo de mais de cem séculos na maior floresta tropical do planeta; e separam pelas enormidades das distâncias, as fronteiras inventadas, as leis exigidas e as violências.

“O rio comanda a vida” de cerca de cinco milhões de amazônidas, especialmente ao longo das calhas dos grandes rios – Amazonas, Negro, Tapajós – e, igualmente, em outras bacias hidrográficas, como a do rio Tocantins-Araguaia, do Guamá e dos rios que deságuam diretamente no Oceano Atlântico. Ribeirinhos que se subordinam à “ditadura das águas”, em suas montarias, casquinhas, catraias e tantos nomes de embarcações que riscam as águas de uma maneira tão amazonicamente sua. Apenas na Amazônia Oriental Brasileira estimam-se cerca de sessenta mil dessas embarcações populares.

Na medida em que o rio é central na vida ribeirinha, o seu principal meio de conexão com o mundo, seja a comunidades vizinhas ou a centros urbanos regionais, toda família ribeirinha necessita contar com uma embarcação – uma extensão de sua casa. Por isso, o seu bom estado de manutenção é questão vital. Afinal, é através do rio que segue a produção para o mercado e que se vai ao posto de saúde, à escola e às compras básicas. Como parte da família, ao barco é dado um nome, que é pintado em suas laterais. As letras utilizadas têm um desenho muito particular, e foram denominadas letras decorativas amazônicas.

São pintadas por profissionais que atuam de forma independente nos portos ou associados aos estaleiros, conhecidos como “abridores de letras”. É um saber ligado à construção naval. Apropriado da estética formal das letras decorativas da tipografia dos fins do século XIX, e investindo-se ao longo do tempo de uma identidade própria, compartilhada através do fluxo dos barcos nos rios, há um único alfabeto que estampa a Letra Decorativa Amazônica em mil centenas de embarcações que, diariamente, insistem em flutuar, regendo a vida da Amazônia Ribeirinha.

Fernanda Martins





O HOMEM E A ARQUITETURA

O espaço sideral, suprema criação de Deus, é constituído por astros que o integram de forma incomensurável, num equilíbrio mágico, respaldado por fenômenos que o homem vem tomando conhecimento aos poucos. Nosso planeta, partícula ínfima desse espaço interplanetário, também é regido pelos mesmos fenômenos. Na somatória de conhecimentos gerada por eles - que passamos a chamar cultura - destaco a arquitetura que, como todo fenômeno, tem uma causa e um efeito.

Todos nós sabemos que, ao conhecer a causa de um fenômeno, é inevitável chegar ao efeito, ou seja, ao conhecimento do seu conteúdo. Essa regra é, sem sombra de dúvida, a única chave capaz de abrir as portas do conhecimento. Assim sendo, mediante sua aplicação, cheguei à seguinte definição de arquitetura:

Arquitetura é a relação harmônica entre o homem e a natureza, da qual resulta o equilíbrio entre a técnica e a arte.

Se nesse relacionamento a técnica se sobrepõe à arte, teremos como resultado uma obra de engenharia.

Por outro lado, quando a arte se sobrepõe à técnica, teremos como resultado uma obra de belas artes. A análise arquitetônica contida na exposição Caboclos da Amazônia representa de maneira clara e insofismável a minha definição dessa ciência-arte chamada arquitetura. As fotos expostas realçam a importância do relacionamento dos indígenas e interioranos com o seu meio ambiente (causa), revelando ainda, de maneira didática, a sua tecnologia rudimentar e o uso racional dos materiais que a natureza circundante oferece (efeito).

Julgo oportuno ressaltar, como um alerta final, a importância desta exposição para os jovens estudantes de arquitetura, para os quais a descoberta de nossas origens étnicas e a revelação de como tudo começou é fundamental.

Alcyr Meira

/// ~~~~~ *O* ~~~~~ ///



≡ AFUÁ ≡









INTERIORES



UMA PALETA LIVRE DE AMARRAS

Com bege e outros tons neutros, não há como errar na decoração. Afinal, uma paleta suave não cansa e não sai de moda. Essas máximas são proclamadas com frequência por clientes e profissionais nos escritórios dedicados ao design de interiores. Teorias que também estão presentes em revistas e sites sobre o assunto, e em diversos ambientes das mostras de decoração pelo Brasil. Mas será que a exuberância das cores, tão comum de se ver na natureza de um país tropical, deve permanecer restrita ao ambiente externo?

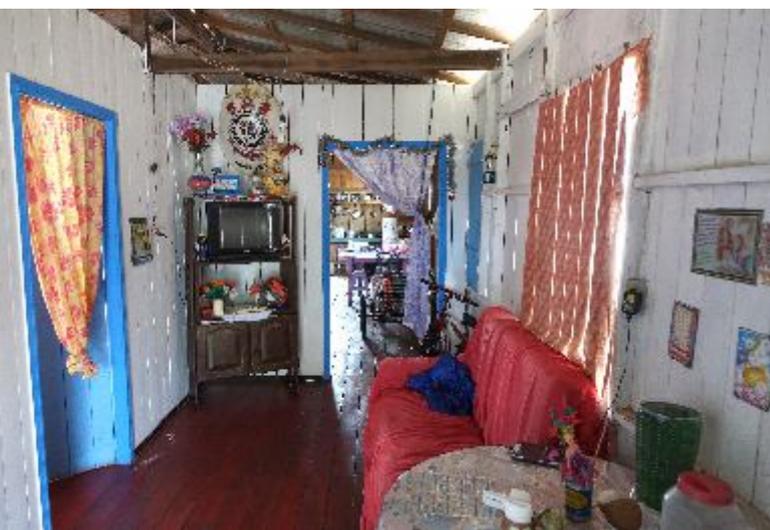
As imagens registradas nas casas dos caboclos paraenses, por Carlos Alcantarino, revelam um universo distante dos padrões relacionados com o clássico, o elegante e o sofisticado.

O que se vê nas residências dos ribeirinhos é um contraste vibrante de cores, tingindo paredes, móveis e tecidos. Arranjos estéticos que expressam um modo de vida autêntico, baseados no gosto próprio e livre de amarras, e que reproduzem muitas vezes a harmonia da cartela de pigmentos presente nas embarcações dessa população.

Seriam eles extravagantes, kitsch, fora de contexto? Sejam quais forem as definições que o “olhar estrangeiro” queira dar a esses interiores povoados de cores e peças de valor sentimental, deveríamos antes de tudo perguntar: é feliz a gente que vive aqui?

Regina Galvão





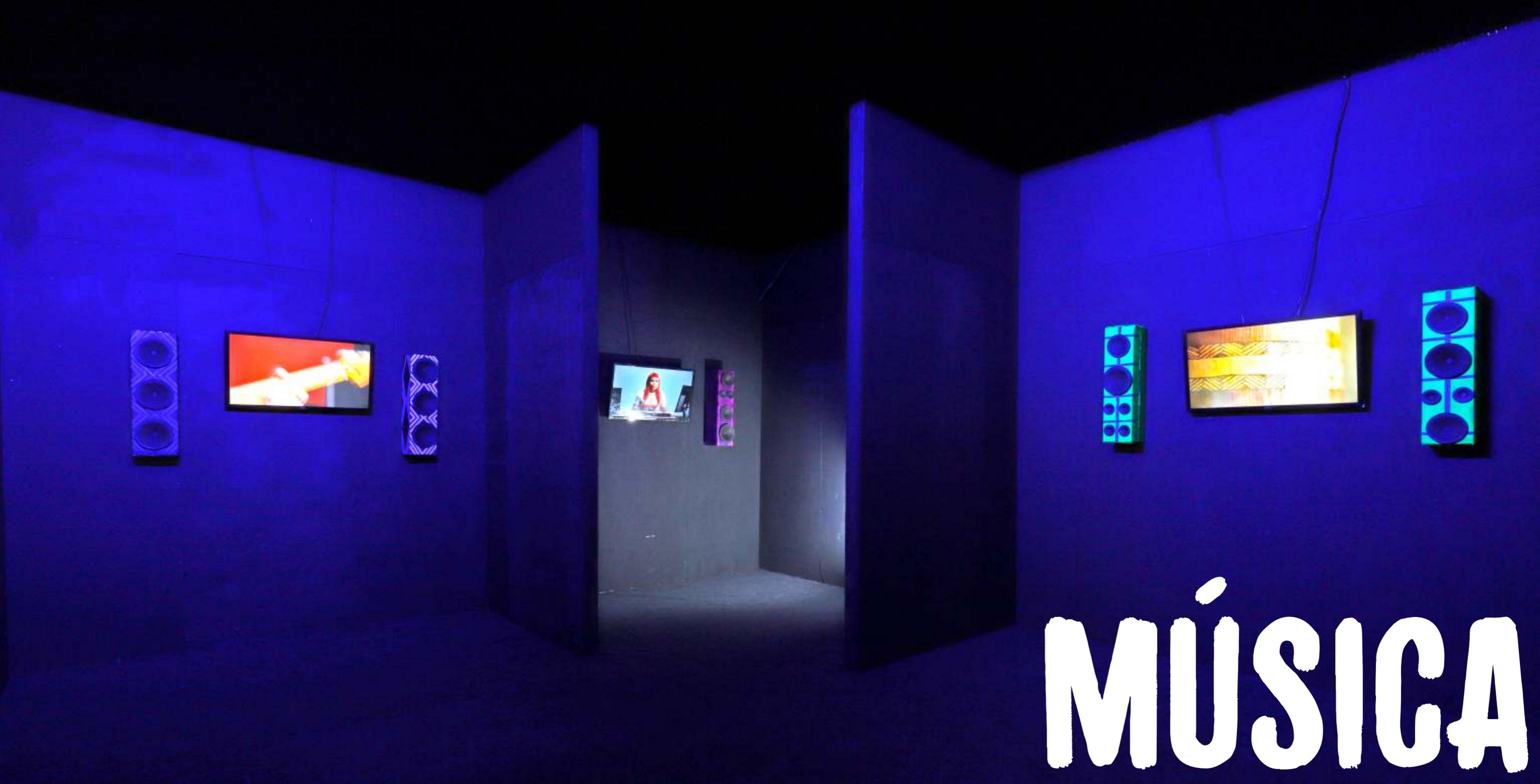
VIVA
NOSSA SENHORA
DE NAZARÉ



OBJETOS







MÚSICA



Quantas comunidades do planeta conseguiram criar uma música só sua?

No Pará, isso aconteceu várias vezes. É um processo que continua em curso.

A matéria-prima que gera a criação musical parece ser uma fonte inesgotável, com manifestações exuberantes que emanam de tambores ancestrais, de guitarras elétricas com dedilhados macios inspirados nas paisagens ribeirinhas e de computadores muitas vezes montados com peças de segunda mão.

Uma musicalidade que, além de embalar festas, relata com detalhes a história do povo que produz e dança esses sons.

Gustavo Godinho



CABOCLOS DA AMAZÔNIA: Arquitetura, design e música

Nascido e criado em Belém do Pará, o céu, a mata, os rios, a atmosfera regional e cultural, para mim tudo era absolutamente normal e corriqueiro. Anos se passaram. Radicado no Rio de Janeiro, trabalhando como designer e atuando em algumas frentes relacionadas às artes, volta e meia voltava a Belém. O olhar mudou. Navegando pelos furos na ilha do Combu, me dei conta de que aquele cenário era de uma exuberância única, e aquelas simples casas pareciam ter nascido naqueles locais. Parece pouco? Não é. Ficava imaginando projetos de renomados arquitetos, e cada vez mais essa arquitetura invisível e pura do caboclo me parecia a melhor alternativa para acompanhar a floresta, protagonista da cena. Iniciei uma pesquisa, viajei pelo Marajó fotografando vilas de pescadores e centros urbanos, entrei nessas casas e me deparei com uma explosão de cores. É interessante essa completa dissociação da arquitetura e decoração com o restante do país, onde o minimalismo e as cores neutras predominam. Percebi que poderia agregar nessa busca outras expressões artísticas dessa região, com o mesmo conceito original, desvinculado de qualquer tendência vigente – como as letras abertas que dão nome aos barcos amazônicos, um legado que muitas vezes passa de pai para filho, criando intuitivamente uma identidade gráfica.

Os objetos nascem não apenas pela necessidade do seu uso, como canoas e redes, mas muitas vezes com um pensamento involuntariamente lúdico, cuja função é apenas transmitir a magia desse povo, como por exemplo uma banca de ervas e garrafas no mercado Ver-o-Peso que resulta em uma bela instalação sensorial.

Finalmente, a música local é a trilha sonora desse conjunto denominado cultura amazônica, embalando e contagiando com personalidade ímpar. Nossa proposta é apresentar uma amostra desse universo, oriundo do mais puro sentimento caboclo.

Carlos Alcantarino



FICHA TÉCNICA

Concepção, projeto, curadoria e direção de arte Carlos Alcantarino	Cenotecnia Charles Leon Serruya
Proponente e produção geral RKF Rio Empreendimentos	Sonorização, Imagens e Projeção JefferSom
Texto de apresentação Adélia Borges	Atividade educativa <i>Direção</i> - Alexandre Sequeira
Sala Abertura <i>Painel</i> - Fernando Barrão <i>Música Base Rítmica Sabiana</i> - Albery e Thiago Albuquerque	Monitoria Amália do Espírito Santo. Isabela Azevedo. Felipe Garcia. July Anne Pereira da Silva
Sala de Letras <i>Curadoria e fotos</i> - Fernanda Martins <i>Vídeo</i> - Projeto Letras que Flutuam <i>Pintura</i> - Luís Júnior. Augusto Amorim. Valdir Borges <i>Painel</i> - Odyr Lima de Abreu	Produção Maria Alice Silvério e Lana Machado
Salas Arquitetura e Interiores <i>Fotos</i> - Carlos Alcantarino <i>Texto Sala Arquitetura</i> – Alcyr Meira <i>Texto Sala Interiores</i> – Regina Galvão	Construção da tenda da exposição LOC Engenharia
Sala Música <i>Criação, produção e edição dos vídeos</i> - Gustavo Godinho <i>Vídeos</i> – Rafael Barros (<i>músico e professor de percussão</i>) Bruno Rebelo (<i>músico e produtor</i>) DJ Méury (<i>produtora musical</i>)	Desenhos técnicos Marcelo Carneiro
Iluminação Patrícia Gondim	Designers Assistentes Manoel Pires Filho. Marcelo Carneiro
Cenografia Carlos Alcantarino e Charles Leon Serruya	Projeto gráfico e Programação visual Bina Jares
	Fotografias do catálogo e de divulgação Octavio Cardoso
	Assessoria de imprensa Rita Soares (<i>Belém</i>) Regina Galvão (<i>São Paulo</i>)
	Comunicação em redes sociais Agência Rizoma
	Realização Alcantarino Design

CABOCLOS da AMAZÔNIA

ARQUITETURA • DESIGN • MÚSICA



Patrocínio



Produção



Apoio



Realização

ALCANTARINO

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO



AGRADECIMENTOS

Alcyr e Franci Meira

Furio Lanza

João Meireles

Lecy Garcia

Rejane Barros

Regina Cruz

Eder Furtado

Madson Santos

Eliana e Dilermando Menescal

Oswaldo Mendes Filho

